



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

O PAPEL RESSOCIALIZADOR EM PRÁTICAS EDUCACIONAIS NA ESCOLA DA COLÔNIA PENAL BOM PASTOR

¹Júlia Machado, Pedagoga – Centro de Educação – UFPE.
juliasbmachado@hotmail.com;

²Selma Silva, Pedagoga – Centro de Educação – UFPE.
selmanead@outlook.com;

³Dra. Rosângela T. de Carvalho, Professora Adjunta do Departamento de
Métodos e Técnicas de Ensino – Centro de Educação – UFPE.
rosangelatc@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este estudo-pesquisa tem como objeto o processo de ressocialização de mulheres em situação de privação de liberdade da Escola Olga Benário Prestes na Colônia Penal Bom Pastor localizado na cidade do Recife-PE no contexto de prática educativa.

A garantia da educação como direito social está amparada, tanto na constituição brasileira, como na LDB, quando dispõem que “é dever do Estado e da família assegurar sua promoção” (BRASIL, 1988, Artigo 208, seção I). Nesse sentido, a existência de programas educacionais nestes locais, a priori, deveria subsidiar uma socialização que fracassou, quando os indivíduos estavam sob a responsabilidade de instituições sociais enquanto crianças/jovens, como: a família, a escola, a igreja, e todas aquelas que propõem a inclusão do indivíduo, conforme as regras da sociedade.

Além disso, a política de Direitos Humanos no Brasil tem como pressuposto que

A educação em direitos humanos, ao longo de todo o processo de redemocratização e de fortalecimento do regime democrático, tem buscado contribuir para dar sustentação às ações de promoção, proteção e defesa dos direitos humanos, e de reparação das violações. A consciência sobre os direitos individuais, coletivos e difusos tem sido possível devido ao conjunto de ações de educação desenvolvidas, nessa perspectiva, pelos atores sociais e pelos(as) agentes institucionais que incorporaram a promoção dos direitos humanos como princípio e diretriz (Plano Nacional de educação em direitos humanos/PNEDH).

Entretanto, de um modo geral, o panorama que temos acompanhado em diferentes mídias é que as prisões estão cada vez mais abarrotadas de



pessoas, vivendo em condições de higiene precárias, propiciando indiretamente o consumo de drogas, tráfico de armas, violência, e etc.

Isso nos fez problematizar como naquelas condições vem sendo realizada a práxis pedagógica, e, conseqüentemente, a construção de saberes que contribuam para os processos de ressocialização.

A ressocialização é entendida neste trabalho como

múltiplos processos que se dão mediante o confronto entre conheceres, fazeres e sentires de uma pessoa ou de um grupo cultural com os de outras pessoas ou grupos culturais cujos resultados são novos conhecimentos, emoções e ações tornando cada um dos envolvidos mais socializados, culturalmente enriquecidos simbólica e materialmente (SOUZA, 2007, p. 304).

Como processo de *reconhecimento* e *reinvenção* permanentes (*ibidem*), a ressocialização demanda um tempo para ser realizada e exige um projeto pedagógico adequado à situação singular do cotidiano do presídio. Nesse sentido, indagamos: quais conhecimentos a serem ensinados? Quais as atividades? Como os professores e alunos compreendem o processo pedagógico? Quais as atividades culturais? Como articular o currículo escolar à cultura das educandas?

Considerando essas concepções de educação, procuramos responder a seguinte questão problema: como se dá o processo de ressocialização das educandas da escola Olga Benário Prestes, na Colônia Penal Feminina Bom Pastor? Nesse sentido, nosso objetivo foi compreender como se dá o processo de ressocialização na Educação de Jovens e Adultos em sua versão Educação Prisional, e como essa educação é percebida pelos sujeitos da educação.

Nas seções que seguem, apresentamos: i) Metodologia; O Processo de Reconhecimento e Reinvenção na fala dos sujeitos da educação; ii) Considerações finais; iii) Referências bibliográficas.

METODOLOGIA

O desenvolvimento dessa pesquisa se deu através de uma abordagem qualitativa, com entrevistas. Os sujeitos entrevistados foram: 2 professores e 6 educandas. Os registros dessas entrevistas foram analisados na perspectiva da análise de conteúdo.



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O PROCESSO DE RECOGNIÇÃO E REINVENÇÃO NA FALA DOS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO - *Remissão da pena; desejo de aprender – motivação para a Ressocialização pela Escola*

De acordo com as falas dos Professores P-1 e P-2, a maioria das educandas, de início, vem à escola, mas não demonstram o desejo em aprender. Segundo eles, elas veem com o intuito de ganhar a remissão de pena, o material, a merenda, a farda ou talvez até pelo simples ato de sair da cela, mas com o tempo, e com o trabalho desenvolvido pelos professores, elas vão mudando suas visões, porque passam a se envolver no processo educacional. Esse, inclusive, se constitui num ponto de partida para o início do processo de “reconhecimento”.

Percebemos, também, a satisfação na fala de todas as educandas, no que diz respeito à boa relação que existe entre elas e os professores. Elas destacam a importância que dão às reflexões que se estabelecem em sala de aula, tornando o aprendizado prazeroso:

(...) o nosso professor não é só nosso professor, ele é nosso amigo, então, aqui quando passa alguma reportagem a respeito de droga, ou de uma pessoa que foi presa... teve uma pessoa que estudava com a gente e voltou, então, a gente discute muito aquilo, sabe?... então, isso faz com que você pense duas vezes antes de fazer um crime novamente e voltar pra cá. Porque ele discute muito isso com a gente na sala de aula, e muitas vezes né?... dá aula a respeito de drogas, sexo sem camisinha, essas coisas todas... (Aluna-A6).

A importância das ações pedagógicas; o aprendizado, parte integrante do processo de ressocialização

O Professor P-1 relata que traz para a sala de aula textos para fazer as educandas refletirem sobre a vida, para dar lições de entusiasmo, e com isso melhorar a autoestima delas, sempre associando tal prática à gramática de forma contextualizada. Coligado a essa maneira de trabalhar, o Professor incentiva atividades ligadas à cultura das educandas juntamente com a coordenação da escola, como podemos observar no trecho destacado:

É normal como uma escola regular, trabalhar leitura, elas criam também textos, a gente trabalha com todo tipo de gênero textual, por exemplo, poesia, elas retratam uma figura através do texto ou elas



criam um texto através de uma gravura. Elas se apresentam, fazemos gravações, tiramos fotos, músicas, agora no carnaval vamos ter o concurso de marchinhas (Trecho extraído da entrevista com o Professor P-1).

De acordo com o relato do Professor P-2, quando ele faz um trabalho voltado para a reflexão, como, por exemplo, atividades envolvendo textos, ele procura confrontar situações vivenciadas pelas educandas. Procura sempre dialogar muito com as mesmas, promove dinâmicas de grupo, leitura de textos envolvendo temas transversais, e questões que estão ligadas à cidadania, fatores emocionais e à humanização. Ele entende que questões familiares, econômicas, sociais e pessoais influenciaram na forma de pensar dessas educandas, mas, que com um trabalho de reconhecimento, elas conseguem fazer uma comparação com sua realidade:

Muitas delas trazem lembranças da família, ou do que não deviam ter feito, lembram do conselho dos pais, da mãe, dos amigos, falam que se envolveram muito cedo com coisas erradas. 14 ou 15 anos elas já se envolvem com esses traficantes por dinheiro, por roupas, por bens que não podem consumir e daqui a pouco já estão envolvidas. Mas uma boa parte, percebemos que é pela questão de sobrevivência mesmo (Trecho extraído da entrevista com o Professor P-2).

Ainda sobre os seus trabalhos desenvolvidos com as educandas, os educadores nos relatam que a metodologia empregada por eles, na sala, é construtivista, aliada aos moldes da educação de tele-aula. O professor P-2 nos informou que desenvolve um trabalho diário de motivação das educandas. Já o Professor P-1 nos descreve que, semelhante ao outro professor, oferece às educandas uma rotina de aulas diversificada e mantém uma boa relação com suas educandas.

Quando indagados sobre a existência de um cronograma da escola a ser cumprido, eles dizem que há, mas declaram que existem momentos em que têm que interromper a aula por questões de segurança, porque entendem que algumas atitudes da Unidade Prisional são necessárias, como no caso explicitado a seguir:

Por exemplo, numa situação de emergência, que acontece em um pavilhão, aí eles chegam dizendo que tem que recolher todas as educandas porque nesses casos é necessário. É uma situação de emergência, então vamos fechar a escola, mas fora isso, seguimos um cronograma normal durante o ano letivo de acordo com o que



estabelece pela secretaria da educação (Trecho extraído da entrevista com o Professor P-2).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- A pesquisa, de uma maneira geral, identificou o comprometimento e a seriedade dos sujeitos envolvidos com a escola. Percebemos que os sujeitos da pesquisa tem uma boa relação entre si.
- Os professores procuraram estimular o debate, a responsabilidade e o senso crítico das educandas, através de discussões sobre temas transversais. As mesmas mostraram-se participativas e interessadas.
- A relação entre segurança da Colônia Bom Pastor e a escola poderia ser mais estreita, se as concepções de educação atravessassem as paredes das salas de aula e se infiltrassem pelos demais espaços do presídio, o que desencadearia num trabalho educacional mais completo, e integrado entre os demais setores. A equipe de apoio multidisciplinar, neste caso, teria um papel importante para coordenar essa interação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, 1996.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos: 2006**. Brasília: Secretária Especial dos Direitos Humanos, 2006

SOUZA, João Francisco de. **E a educação popular: ?? Quê ??**: Uma pedagogia para fundamentar a educação, inclusive escolar, necessária ao povo brasileiro. Recife: Bagaço, 2007.
